C

OMUNHÃO

Na Igreja, o conceito “comunhão” é usado para referir-se à relação filial dos crentes com Deus Aba, da qual nasce uma relação fraterna entre eles. “Comunhão” traduz o conceito de ‘koinonia’ do grego do Novo Testamento, que significa tanto “comunhão” quanto “participação” e “relação”. Trata-se, portanto, do núcleo essencial do ser cristão. Enquanto filhos do mesmo Pai, enquanto membros de sua mesma família, somos “ser-comunhão” com Deus e com nossos irmãos. A comunhão, portanto, não é uniformidade. Nasce de Deus mesmo e supõe reciprocidade, participação, corresponsabilidade e unidade na diversidade[[1]](#endnote-1), como em uma família.

Portanto, a ‘comunhão’ é uma realidade antropológica. É induvidoso que toda pessoa, desde o momento em que é engendrado, é um ser-em-relação. Necessitamos uns dos outros. O outro me faz existir[[2]](#endnote-2). O que nossa experiência cristã nos propõe é que a pessoa humana se realiza na medida em que converte esse ser-em-relação numa relação de comunhão fraterna. A partir de sua relação com o Deus de Jesus, a pessoa entra numa nova forma de relação com a natureza, com os demais e consigo mesmo, - a comunhão - que o multiplica e potencializa. Nesse sentido, fechar-se à comunhão é optar por despersonalizar-se, escolher o “não-ser”.

Essa realidade tem uma evidente consequência eclesial, o que o Vaticano II chamou de *Igreja-comunhão.* Na *Igreja-comunhão* os estados de vida, as vocações nascidas da relação pessoal com Deus, não são compreendidas como realidades isoladas em si mesmas. Enquanto a Igreja é símbolo do Reino de Deus, ela mesma é comunhão fraterna. Portanto, as vocações pessoais somente encontram sentido se relacionadas intimamente entre si: são ordenadas umas às outras. Todas elas vivem igual dignidade cristã, a universal vocação à santidade e, ao mesmo tempo, são modalidades diferentes e complementares desse comum chamado. Assim, cada uma delas tem sua original e inconfundível fisionomia e, ao mesmo tempo, cada uma delas está em relação com as outras e a serviço delas… Todos os estados da vida formam o “mistério de comunhão” da Igreja e são coordenadas dinamicamente em sua única missão[[3]](#endnote-3).



Os documentos do Instituto marista recolhem essa dinâmica teológica e eclesial do conceito *comunhão*:

* por um lado, sua base teológica: a divina comunhão trinitária, fonte de toda comunhão[[4]](#endnote-4) e a união do ser humano com esse Deus trino[[5]](#endnote-5);
* por outro, a comunhão fraterna nascida dessa união: a comunhão com a Igreja[[6]](#endnote-6), com o Instituto[[7]](#endnote-7) e entre os que participam do carisma marista em diferentes estados de vida[[8]](#endnote-8).

Esses mesmos documentos assinalam que, entre nós, a comunhão se expressa como espírito de família. Nesse espírito vive-se a complementaridade das vocações e a busca conjunta de maior vitalidade do carisma[[9]](#endnote-9). Viver com outros o carisma marista é viver uma experiência de comunhão. Viver hoje o espírito de família significa abrir-se, como em círculos concêntricos, a todas as pessoas que partilham o espírito marista. Por isso, diz-se abertamente que o futuro do carisma é um futuro de comunhão no espírito de Champagnat[[10]](#endnote-10). A comunhão marista significa dar-se conta de que viver uma mesma experiência básica, a de ter sido apanhado por Deus no seguimento de Jesus, no espírito de Champagnat. Significa formar o rosto de uma Igreja mariana, de uma Igreja família, de uma Igreja do avental, no meio do mundo.

Atualmente estão surgindo, em muitas Províncias, *novas estruturas* em que se viabiliza essa comunhão no carisma marista, principalmente nos espaços de missão[[11]](#endnote-11). A corresponsabilidade na missão deu impulso a assembleias, capítulos, comissões e equipes provinciais em que leigos e Irmãos trabalham lado a lado. Em outros lugares, foram criadas estruturas em que se partilha a gestão e a animação provincial[[12]](#endnote-12).

Mas a comunhão vai além da missão, porque nasce e se nutre da espiritualidade. Por isso, também surgem, como expressão e impulso à comunhão, retiros de leigos e Irmãos e experiências de formação conjunta e de vitalidade carismática[[13]](#endnote-13) em que o centro não é mais apenas a missão, senão partilhar a mesma fonte da comunhão, a experiência viva de Deus na vida de cada um. E desse caminho de família, de comunhão, surgirão novas formas de relação, cada vez mais profundas, entre nós, maristas, que exigirão, por sua vez, novas estruturas que acolham e impulsionem a vitalidade nascida do Espírito[[14]](#endnote-14).

1. Cfr. Macario Díez Presa, no ‘Dizionario Teologico della vita consacrata’, Ed. Ancora, Milano. [↑](#endnote-ref-1)
2. Cfr. Guia da formação, Léxico: Pessoa humana. [↑](#endnote-ref-2)
3. cf. Christifideles Laici, 55. [↑](#endnote-ref-3)
4. “Deus nos revela que Seu coração é comunhão na pluralidade: é uno e trino; é amor amante e amado, uma força amorosa sempre amando. Filhos desse Deus, ansiamos sair de nós mesmos para ir ao encontro dos outros e viver a dinâmica do ser de Deus”. (EMM, 65) [↑](#endnote-ref-4)
5. “Os encontros de leigos e Irmãos representam espaço privilegiado para conhecer-nos melhor, aceitar-nos como somos e viver em comunhão com Deus que nos envia, hoje mais do que nunca, para testemunhar ao mundo o carisma de Champagnat”. (cf. EMM, 98) [↑](#endnote-ref-5)
6. “Nessa comunhão eclesial, o Espírito fez brotar, entre os leigos, carismas que nasceram, originariamente, em institutos religiosos. O dom do carisma compartilhado inaugura um novo capítulo, rico de esperanças no caminho da Igreja. O carisma de São Marcelino Champagnat se expressa em novas formas de vida marista. Uma delas é a do laicato marista”. (EMM, 7 e EMM, 82) [↑](#endnote-ref-6)
7. EMM, 124 [↑](#endnote-ref-7)
8. Horizonte do XXI CG. EMM, 139. [↑](#endnote-ref-8)
9. cfr. XXI CG [↑](#endnote-ref-9)
10. cfr. XXI CG [↑](#endnote-ref-10)
11. EMM, 94. [↑](#endnote-ref-11)
12. cfr. EMM, 95 [↑](#endnote-ref-12)
13. cfr. EMM, 102 [↑](#endnote-ref-13)
14. cfr. EMM, 99 [↑](#endnote-ref-14)